

ALGORITMIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE ESCOLAR

Kátia de Souza Bento Muniz¹
Evelin Trindade Dias²

1 – Discente da Graduação de Psicologia - Faculdades ASMEC - Ouro Fino – MG

2 - Docente do Curso de Psicologia e Orientadora - Faculdades ASMEC - Ouro Fino – MG

RESUMO:

O presente artigo aborda o fenômeno da algoritmização da subjetividade escolar e seus impactos sobre a saúde mental dos alunos inseridos na cultura digital contemporânea. O estudo teve como **objetivo geral**: compreender de que maneira os algoritmos das plataformas digitais influenciam a constituição subjetiva dos estudantes e contribuem para a emergência do chamado “linfocitismo digital”, entendido como um estado de dissociação subjetiva, anestesia emocional e afastamento psíquico do ambiente escolar. **Como objetivos específicos**: analisar os impactos da hiperestimulação digital sobre os processos de atenção e simbolização dos adolescentes; investigar o sofrimento silencioso presente na apatia e no retraimento emocional de estudantes algoritmizados; e discutir o papel do psicólogo escolar diante das novas formas de sofrimento psíquico contemporâneo. A **metodologia**: utilizada consistiu em uma revisão bibliográfica qualitativa, desenvolvida a partir de pesquisas em repositórios institucionais, bases científicas como SciELO e PePSIC, além da literatura clássica psicanalítica, especialmente as contribuições teóricas de Sigmund Freud e Donald Winnicott. Os **resultados**: apontaram que a cultura algorítmica interfere significativamente na constituição emocional dos adolescentes, produzindo empobrecimento da experiência subjetiva, dificuldade de elaboração simbólica e formas silenciosas de sofrimento frequentemente invisibilizadas no contexto escolar. **Conclui-se**: que o psicólogo escolar necessita ampliar sua escuta clínica para reconhecer manifestações subjetivas não verbalizadas, compreendendo a escola como um possível espaço de reconstrução de vínculos humanos e resistência à lógica fragmentadora da cultura digital contemporânea.

Palavras-chave: Mal-estar; Linfocitismo Digital; Subjetividade Escolar; Algoritmização; Dissociação Subjetiva.

ABSTRACT:

This article addresses the phenomenon of the algorithmization of school subjectivity and its impacts on the mental health of students immersed in contemporary digital culture. The study's **general objective**: was to understand how the algorithms of digital platforms influence the subjective constitution of students and contribute to the emergence of so-called "digital lymphocytism," understood as a state of subjective dissociation, emotional anesthesia, and psychic detachment from the school environment. **Specific objectives included**: analyzing the impacts of digital hyperstimulation on the attention and symbolization processes of adolescents; investigating the silent suffering present in the apathy and emotional withdrawal of algorithmized students; and discussing the role of the school psychologist in the face of new forms of contemporary psychic suffering. The **methodology**: used consisted of a qualitative bibliographic review, developed from research in institutional repositories, scientific databases such as SciELO and PePSIC, as well as

classic psychoanalytic literature, especially the theoretical contributions of Sigmund Freud and Donald Winnicott. The **results**: indicated that algorithmic culture significantly interferes with the emotional constitution of adolescents, producing an impoverishment of subjective experience, difficulty in symbolic elaboration, and silent forms of suffering that are often made invisible in the school context. It is **concluded**: that school psychologists need to broaden their clinical listening skills to recognize non-verbalized subjective manifestations, understanding the school as a possible space for the reconstruction of human bonds and resistance to the fragmenting logic of contemporary digital culture.

Keywords: Malaise; Digital Dymphocytosis; School Subjectivity; Algorithmization; Subjective Dissociation.

1. INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada por uma transformação profunda na forma como os sujeitos constroem seus afetos, desejos, vínculos e modos de existência, sobretudo em razão da expansão das tecnologias digitais e dos algoritmos de recomendação que organizam a experiência humana nas redes sociais (Franco, 2025).

A experiência adolescente contemporânea encontra-se profundamente atravessada pela expansão das tecnologias digitais e pelos sistemas algorítmicos que organizam a circulação de informações, afetos e desejos nas redes sociais, em uma sociedade marcada pela hiperconectividade, os algoritmos deixaram de operar apenas como mecanismos técnicos de entretenimento e passaram a interferir diretamente na constituição subjetiva dos indivíduos, especialmente dos jovens em processo de formação psíquica e identitária (Fundação Oswaldo Cruz, 2021; Menezes; Amorim, 2021).

Em tal perspectiva, emerge aquilo que este estudo denomina “algoritmização da subjetividade escolar”, fenômeno em que o modo de sentir, desejar, perceber o tempo e estabelecer vínculos passa a ser moldado por plataformas digitais programadas para capturar atenção e produzir permanência contínua nas telas (Silva, 2024; Han, 2022). Inserido nessa dinâmica, o conceito de “linfocitismo digital” refere-se a um estado de anestesia emocional e dissociação subjetiva em relação ao mundo concreto, no qual o estudante permanece fisicamente presente no ambiente escolar, mas psiquicamente ausente, encapsulado em uma lógica de hiperestimulação virtual que enfraquece sua capacidade de presença, elaboração simbólica e experiência relacional (Zuboff, 2021).

A intensificação desse fenômeno coincide com uma transformação cultural sem precedentes na relação dos sujeitos com a atenção, o tempo e o desejo, diferentemente das gerações anteriores, os adolescentes atuais cresceram em um ambiente mediado por redes de rolagem

infinita, vídeos curtos e mecanismos algorítmicos que personalizam conteúdos em tempo real, antecipando impulsos e reforçando padrões compulsivos de consumo digital (Mc Gorry *et al.*, 2024).

O sujeito contemporâneo não apenas utiliza as plataformas, mas passa a ser continuamente utilizado por elas, numa lógica em que emoções, preferências e vulnerabilidades tornam-se matéria-prima da economia da atenção e a subjetividade juvenil passa, assim, a ser produzida dentro de um sistema tecnológico que reduz a tolerância ao silêncio, à espera e à frustração, substituindo experiências profundas por estímulos rápidos, fragmentados e descartáveis (Macêdo, 2024; Figueiredo, 2018).

Os impactos desse cenário já aparecem de forma expressiva nos dados recentes sobre saúde mental, por isso, a Organização Mundial da Saúde (2025) informou que um em cada sete adolescentes entre 10 e 19 anos apresenta algum transtorno mental, sendo a depressão, a ansiedade e os transtornos comportamentais algumas das principais causas de adoecimento nessa faixa etária, o órgão também destacou que o suicídio permanece entre as principais causas de morte entre jovens de 15 a 29 anos, evidenciando a gravidade do sofrimento psíquico juvenil na contemporaneidade.

Ao mesmo tempo, estudos recentes vêm demonstrando que o uso excessivo de telas está diretamente relacionado ao aumento de sintomas emocionais, dificuldades de concentração, distúrbios do sono e retraimento social entre adolescentes (WHO, 2019).

No Brasil, de acordo com a CNN (2025) adolescentes que permanecem mais de três horas diárias em atividades sedentárias associadas às telas apresentam maior risco de sofrimento psicológico futuro, sobretudo quando o uso digital ocorre de forma passiva, dispersiva e desvinculada de atividades educativas. Ainda nessa perspectiva, de acordo com o IBGE (2024) com mais de 3,6 mil jovens brasileiros, reforçou que o excesso de exposição digital interfere diretamente na saúde mental e no funcionamento emocional dos adolescentes, mas vale ressaltar, que neste mesmo levantamento, revelou que os brasileiros passam, em média, mais de nove horas por dia conectados à internet, consolidando um cenário de hiperexposição contínua às plataformas digitais.

Rabatini (2016) diz que a escola passa a ocupar uma posição paradoxal, enquanto os ambientes digitais oferecem estímulos imediatos, recompensas rápidas e experiências contínuas de excitação psíquica, a instituição escolar sustenta uma lógica oposta, baseada na permanência,

na escuta, no esforço cognitivo e na elaboração simbólica, o espaço escolar exige tempo, concentração e tolerância à frustração, capacidades cada vez mais fragilizadas pela cultura da instantaneidade.

O choque entre essas duas temporalidades produz um sujeito tensionado entre a necessidade de permanência no mundo real e a compulsão por estímulos digitais constantes, compreende-se então, o conflito raramente se manifesta por meio de explosões comportamentais evidentes, em muitos casos, ele aparece sob a forma de apatia, esvaziamento subjetivo e desligamento emocional (Silva, 2024; Zizek, 2003).

O chamado ‘linfocitismo digital’ constitui justamente essa resposta silenciosa ao excesso de estímulos contemporâneos, pois o estudante algoritmizado não é necessariamente agressivo, hiperativo ou desafiador; ao contrário, ele frequentemente se mantém quieto, disperso e aparentemente funcional (Macêdo, 2024; Winnicott, 2008; Zizek, 2008).

Seu sofrimento não perturba o funcionamento institucional da escola, razão pela qual tende a permanecer invisível aos olhares pedagógicos e psicológicos tradicionais, trata-se de um aluno que ocupa a sala de aula com o corpo, mas cuja subjetividade permanece sequestrada pela lógica algorítmica das telas, a presença física encobre uma ausência emocional profunda, marcada pela dificuldade de vínculo, pela redução da capacidade simbólica e pelo progressivo empobrecimento da experiência subjetiva (Castro, 2024; Foucault, 2014).

A invisibilidade desse sofrimento constitui um dos aspectos mais alarmantes da problemática contemporânea, historicamente, a escola tende a mobilizar intervenções psicológicas diante daquilo que ameaça sua ordem disciplinar: o aluno agressivo, indisciplinado ou hiperativo, o estudante silenciosamente desconectado, entretanto, raramente desperta preocupação institucional imediata, sua apatia costuma ser interpretada como desinteresse, preguiça ou mera característica de personalidade, mas o silêncio também pode expressar sofrimento intenso, a ausência de conflito explícito não significa ausência de dor psíquica (Antonelli, 2022; Canguilhem, 1990; Freud, 1930).

Para Almeida (2018) a escola, torna-se um dos principais espaços de manifestação desse sofrimento silencioso, isto é, as salas de aula estão compostas por corpos presentes e subjetividades dispersas, incapazes de permanecer integralmente na experiência educativa e a naturalização desse estado de distração permanente evidencia o quanto a cultura digital já reorganizou os modos de funcionamento psíquico das novas gerações.

A compreensão desse fenômeno exige ultrapassar modelos psicológicos centrados exclusivamente no comportamento observável ou no rendimento acadêmico, uma vez que, o sofrimento silencioso do estudante algoritmizado demanda referenciais teóricos capazes de analisar os efeitos subjetivos da cultura contemporânea sobre o desenvolvimento emocional (Silva, 2024; Winnicott, 2008).

Partindo desse pressuposto, este estudo, utilizará a perspectiva psicanalítica de Sigmund Freud (1926-1930), especialmente suas formulações acerca do mal-estar, da inibição e dos mecanismos defensivos, para compreender os impactos da hiperestimulação digital sobre o Ego adolescente, mas será principalmente a teoria de Donald Winnicott (1975) que oferecerá a principal chave interpretativa deste estudo, ao permitir compreender a tela como um objeto transicional falho, incapaz de sustentar processos genuínos de amadurecimento emocional e criatividade subjetiva.

A partir da perspectiva winnicottiana, a escola poderá ser pensada como um possível Espaço Potencial, capaz de oferecer experiências relacionais vivas em oposição à lógica fragmentadora da cultura algorítmica, em um cenário de anestesia emocional e esvaziamento subjetivo, torna-se urgente resgatar espaços de presença, criatividade, vínculo e experiência humana autêntica.

Assim, este artigo, desenvolvido a partir de uma revisão bibliográfica qualitativa, busca investigar os impactos da algoritmização da subjetividade no contexto escolar e analisar o linfocitismo digital como uma das expressões mais silenciosas e preocupantes do sofrimento psíquico adolescente contemporâneo.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica qualitativa, modalidade metodológica voltada para a análise interpretativa e crítica de produções teóricas já publicadas acerca de determinado fenômeno (Gonçalves, 2019). A revisão bibliográfica qualitativa permite articular diferentes referenciais teóricos, analisando criticamente conceitos, discursos e interpretações produzidos sobre determinado tema, favorecendo uma compreensão aprofundada das dinâmicas subjetivas e sociais envolvidas no fenômeno estudado, ou seja, a pesquisa não se limita à descrição de conteúdos, mas busca construir interpretações críticas capazes de compreender os atravessamentos históricos, culturais e psíquicos presentes na realidade investigada (Flick, 2009).

Para a realização deste estudo, foram utilizadas produções científicas disponíveis em bases de dados e repositórios acadêmicos reconhecidos, tais como SciELO, PePSIC e repositórios institucionais de universidades brasileiras, além da literatura clássica da psicanálise, filosofia e teoria social, para tal, a pesquisa foi realizada a partir de descritores relacionados ao tema, incluindo “saúde mental de adolescentes”, “subjetividade digital”, “algoritmos”, “psicologia escolar”, “uso excessivo de telas”, “sofrimento psíquico”, “mal-estar contemporâneo”, “dissociação subjetiva” e “cultura digital”, bem como foram utilizados textos clássicos e contemporâneos que discutem os impactos socioculturais da tecnologia sobre os modos de subjetivação na contemporaneidade.

Os critérios de inclusão adotados contemplaram artigos científicos, dissertações, teses, livros e capítulos publicados entre os anos de 2016 e 2026, em língua portuguesa, espanhola e inglesa, que apresentassem discussões relacionadas à saúde mental de adolescentes, subjetividade contemporânea, sofrimento psíquico, cultura digital, algoritmos e psicologia escolar, também foram incluídas obras clássicas consideradas fundamentais para a compreensão psicanalítica e filosófica da subjetividade contemporânea. Já os critérios de exclusão envolveram materiais sem fundamentação teórica consistente, textos duplicados, produções sem relação direta com o objeto de estudo e artigos que abordassem apenas aspectos técnicos das tecnologias digitais sem articulação com dimensões subjetivas e emocionais.

Entretanto, durante o processo de levantamento bibliográfico, observou-se significativa escassez de produções que abordassem diretamente o conceito de ‘infocitismo digital’ ou a algoritmização da subjetividade escolar como categoria específica de análise, grande parte dos estudos encontrados discute genericamente o uso excessivo de telas, dependência digital ou impactos das redes sociais sobre adolescentes, mas poucos aprofundam os efeitos subjetivos silenciosos produzidos pela hiperestimulação algorítmica dentro do ambiente escolar.

No campo teórico, a pesquisa fundamenta-se inicialmente nas contribuições de Freud (1923-1930), sobretudo em suas formulações sobre o mal-estar na civilização, a inibição e os mecanismos defensivos diante do sofrimento psíquico, contribuindo para compreender como a cultura contemporânea produz formas de sofrimento relacionadas ao excesso de exigências, à fragilidade do Ego e às dificuldades de elaboração emocional.

Winnicott (1975) oferece importante contribuição ao compreender o desenvolvimento emocional a partir da qualidade dos vínculos e da experiência do ambiente suficientemente bom,

permitindo interpretar a relação compulsiva com as telas como uma tentativa de preenchimento emocional diante de falhas nos processos de simbolização e sustentação subjetiva.

As contribuições Lacan (1953) também atravessam esta pesquisa ao possibilitar a compreensão do desejo mediado pelo olhar do Outro e pela lógica da falta constitutiva do sujeito. John Bowlby (1989) contribui para a análise das fragilidades vinculares contemporâneas ao discutir os impactos emocionais das rupturas afetivas e da insegurança nos processos de apego e desenvolvimento emocional. Dunker (2011) em suas análises sobre o mal-estar atual, o autor discute como a lógica do desempenho, da hiperexposição e da busca incessante por validação afeta diretamente os modos de constituição subjetiva dos indivíduos, especialmente adolescentes inseridos em ambientes digitais hiperestimulantes.

No campo filosófico e sociológico, Byung-Chul Han (2022) oferece importantes contribuições ao analisar a sociedade do cansaço, da hiperperformance e da autoexploração subjetiva na contemporaneidade digital, pois o excesso de estímulos e produtividade produz sujeitos exaustos emocionalmente, incapazes de sustentar experiências profundas de alteridade e contemplação.

Slavoj Zizek (2003) por sua vez, contribui ao discutir os modos pelos quais a ideologia contemporânea captura o desejo e transforma o entretenimento em mecanismo permanente de alienação subjetiva. Foucault (2014) possibilita compreender as tecnologias digitais como dispositivos de controle e vigilância que organizam comportamentos, desejos e formas de subjetivação, ampliando os mecanismos contemporâneos de disciplina para além das instituições tradicionais.

Birman (2006) contribui significativamente para a compreensão do sofrimento psíquico contemporâneo ao analisar o crescimento dos estados de vazio, apatia e desamparo na sociedade atual, fenômenos diretamente relacionados ao empobrecimento simbólico produzido pela cultura da velocidade e do consumo.

Para Canguilhem (1990), ao discutir os conceitos de normalidade e patologia, oferece importante suporte teórico para refletir criticamente sobre a naturalização do sofrimento emocional contemporâneo entre adolescentes hiperconectados, permitindo problematizar até que ponto a apatia e a dissociação subjetiva passaram a ser incorporadas como estados ‘normais’ da experiência juvenil. Já Patto (1990) atenta para compreender o fenômeno da ausência psíquica e do adoecimento juvenil na contemporaneidade, a referida autora justifica-se pela necessidade de

superar visões puramente individualizantes, patologizantes ou organicistas acerca do comportamento e do sofrimento dos estudantes diante das telas.

Além do referencial teórico, a pesquisa também considerou dados recentes divulgados pela OMS (2025) e IBGE (2024), onde os transtornos mentais entre adolescentes cresceram significativamente nos últimos anos, especialmente ansiedade, depressão e sofrimento emocional relacionado ao isolamento social e ao uso excessivo de tecnologias digitais, com o crescimento expressivo do tempo de exposição às telas entre crianças e adolescentes brasileiros, além do aumento de indicadores relacionados ao sofrimento psíquico juvenil, dificuldades de aprendizagem e problemas emocionais associados ao ambiente digital.

3. ALGORITMIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE ESCOLAR: O PSICÓLOGO DIANTE DO SOFRIMENTO SILENCIOSO DO "LINFOCITISMO DIGITAL"

A compreensão do sofrimento psíquico contemporâneo no ambiente escolar exige uma análise que ultrapasse explicações pedagógicas tradicionais e alcance os processos de subjetivação produzidos pela cultura digital, com o avanço das tecnologias algorítmicas alterou profundamente a maneira como adolescentes experienciam o desejo, o vínculo, a atenção e a própria percepção de realidade (Vilalta, 2025; Birman, 2006).

Surge, o conceito de ‘linfocitismo digital’ pode ser compreendido como uma forma silenciosa de dissociação subjetiva produzida pela hiperestimulação contínua das telas e pela incapacidade crescente de sustentação emocional diante do mundo concreto, diferentemente das formas clássicas de sofrimento escolar associadas à agressividade ou à indisciplina, o estudante algoritmizado manifesta sua dor através da apatia, do desligamento afetivo e da dificuldade de presença subjetiva, permanecendo invisível às leituras institucionais tradicionais (Silva, 2024; Han, 2022).

Os dados recentes da OMS (2025) demonstram a gravidade desse cenário ao apontarem que os transtornos mentais entre adolescentes cresceram significativamente nos últimos anos, especialmente quadros relacionados à ansiedade, depressão e isolamento emocional, o que alerta para o impacto do uso excessivo das tecnologias digitais sobre a saúde mental juvenil, destacando prejuízos na qualidade do sono, na concentração e nas relações interpessoais, revelando que a problemática das telas não se restringe ao entretenimento, mas atravessa diretamente os processos de constituição psíquica dos adolescentes contemporâneos.

As formulações de Winnicott (2008) tornam-se fundamentais para compreender os efeitos emocionais da cultura algorítmica sobre os jovens, sabe-se que ele defendia que o desenvolvimento saudável depende da existência de um ambiente suficientemente bom, capaz de sustentar experiências de criatividade, espontaneidade e continuidade do ser. Porém, a lógica digital contemporânea produz exatamente o oposto: ambientes hiperestimulantes, fragmentados e incapazes de oferecer sustentação emocional genuína, a tela, nesse contexto, passa a ocupar a função de um objeto transicional falho, oferecendo alívio imediato para angústias e vazios emocionais, mas impedindo processos profundos de simbolização e amadurecimento subjetivo (Han, 2022; Winnicott, 2010; Freud, 1930).

A teoria winnicottiana permite compreender que muitos adolescentes hiperconectados não utilizam as telas apenas por diversão, mas como mecanismos defensivos diante de sentimentos de vazio, desamparo e insegurança emocional, com excesso de conteúdos rápidos funciona como tentativa contínua de evitar o contato com o silêncio interno e com experiências emocionais difíceis de elaborar e a hiperconectividade passa, assim, a operar como uma defesa psíquica contra a angústia, mas ao mesmo tempo em que protege temporariamente o sujeito do sofrimento, também enfraquece sua capacidade de construir experiências autênticas de presença, vínculo e criatividade (Figueiredo, 2018; Dunker, 2011; Foucault, 1896).

Ao discutir os mecanismos ideológicos contemporâneos, Zizek (2003) contribui para compreender como a lógica capitalista atual captura o desejo humano por meio do entretenimento permanente e da estimulação incessante. Ao mesmo, tempo Zizek (2008) diz que o sujeito contemporâneo vive em uma realidade marcada pela necessidade contínua de preenchimento e consumo emocional, onde o silêncio e a pausa tornam-se insuportáveis, em uma de suas análises sobre a cultura contemporânea, o autor afirma:

“Eles não estão mais dizendo o que fazer; estão moldando o próprio espaço de nossas escolhas. A liberdade de escolha funciona apenas na condição de que permaneçamos cegos à coerção que sustenta essa liberdade. Nesse cenário, o controle deixa de ser uma imposição externa e visível para se transformar na própria arquitetura invisível que determina o comportamento, onde o sujeito acredita agir por vontade própria enquanto é sutilmente capturado pelas dinâmicas do ambiente”. (Zizek, 2008, p. 52).

Tal pressuposto, permite compreender como os algoritmos digitais não atuam apenas oferecendo conteúdos, mas organizando silenciosamente os modos de desejar, pensar e sentir dos sujeitos, isto é, o adolescente algoritmizado acredita escolher livremente aquilo que consome,

quando, na realidade, sua experiência subjetiva já se encontra previamente conduzida pelos mecanismos invisíveis da lógica algorítmica (Silva, 2024; Winnicott *et al.*, 1984).

Han (2022) também afirma que a sociedade contemporânea deixou de operar prioritariamente pela repressão disciplinar e passou a funcionar através do excesso de positividade, desempenho e hiperatividade, o sujeito atual não é mais coagido externamente; ele explora a si mesmo em busca constante de produtividade, estímulo e validação. Tal dinâmica produz indivíduos emocionalmente exaustos, incapazes de sustentar experiências profundas de contemplação, alteridade e elaboração subjetiva, pois o excesso de estímulos digitais gera um sujeito permanentemente cansado, porém incapaz de interromper o ciclo de hiperconectividade (Fisher, 2023; Foucault, 2008).

Para Birman (2006) o crescimento das experiências de vazio e desalento na contemporaneidade, o sofrimento psíquico atual caracteriza-se menos por conflitos neuróticos clássicos e mais por estados de esvaziamento subjetivo, apatia e perda de sentido existencial, o ‘linfocitismo digital’ aproxima-se diretamente dessa perspectiva ao representar uma forma silenciosa de sofrimento em que o sujeito não explode emocionalmente, mas gradualmente se apaga internamente.

As sociedades modernas produzem subjetividades através de dispositivos de vigilância, disciplina e normalização, na contemporaneidade, entretanto, os algoritmos ampliam esses mecanismos de controle para além das instituições tradicionais, operando silenciosamente sobre os comportamentos, preferências e afetos dos sujeitos, o poder torna-se mais invisível, mais sedutor e mais eficaz justamente porque atua através do prazer, da distração e da hiperestimulação contínua (Foucault, 2014; Foucault, 1986).

No contexto escolar, tais transformações produzem efeitos significativos sobre os modos de aprendizagem, convivência e presença subjetiva dos adolescentes, a escola contemporânea passa a lidar com estudantes emocionalmente fatigados, dispersos e progressivamente incapazes de sustentar experiências simbólicas prolongadas (Franco, 2025).

O sofrimento do aluno algoritmizado raramente aparece de maneira explícita, sua dor não produz necessariamente conflitos disciplinares, mas silêncios, ausências emocionais e desligamentos subjetivos que frequentemente passam despercebidos pelas instituições escolares (Dunker, 2022).

É nesse ponto que a atuação da psicologia escolar assume importância fundamental, o psicólogo escolar não pode limitar-se a uma função corretiva ou adaptativa voltada apenas para comportamentos considerados inadequados (Antonelli, 2022). Torna-se necessário desenvolver uma escuta clínica capaz de reconhecer manifestações silenciosas de sofrimento, compreendendo que a apatia contemporânea também constitui uma forma grave de dor psíquica (CFP, 2022).

Almeida (2018) atenta ainda que a algoritmização da subjetividade escolar significa reconhecer que o sofrimento adolescente contemporâneo não se reduz ao uso excessivo de telas, mas envolve transformações profundas nos modos de existir, desejar e estabelecer vínculos na contemporaneidade e o “linfocitismo digital” revela uma juventude marcada não apenas pelo excesso de conexão, mas pela dificuldade crescente de permanecer emocionalmente presente diante de si mesma, do outro e do mundo.

3.1 Do "Mal-Estar" à Dissociação: A Configuração Clínica do Sofrimento Silencioso

A compreensão do sofrimento psíquico contemporâneo no contexto escolar exige um deslocamento das leituras clássicas centradas apenas no conflito visível ou no sintoma comportamental explícito, a priori, entende-se que o adolescente contemporâneo nem sempre manifesta sua dor através da rebeldia, da agressividade ou da ruptura com a norma e a questão central não é mais o excesso de expressão pulsional, mas o empobrecimento da experiência emocional e a dificuldade crescente de sustentação do próprio sentimento de existência.

Freud (1929) compreende que toda organização social produz inevitavelmente sofrimento psíquico, uma vez que o sujeito precisa renunciar continuamente à satisfação plena de suas pulsões para adaptar-se às exigências culturais, em ‘O Mal-Estar na Civilização’, argumenta que “a civilização impõe restrições que geram sentimentos permanentes de angústia, vazio e insatisfação subjetiva” (Freud, 1930, p. 43).

Na contemporaneidade digital, esse mal-estar assume novas configurações, o sofrimento já não aparece prioritariamente associado à repressão excessiva, mas à hiperestimulação contínua e à impossibilidade de elaboração subjetiva diante do excesso de informações, imagens e estímulos emocionais (Castro, 2024; Birman, 2006).

De acordo com a CNN (2025), a lógica algorítmica contemporânea modifica profundamente a relação do sujeito com o desejo e com a experiência do tempo psíquico, uma vez que o adolescente hiperconectado passa a existir em uma dinâmica de respostas imediatas, consumo rápido de imagens e interrupção constante da atenção.

Já Dunker (2002) traz que a ausência de pausas e experiências de continuidade emocional fragiliza a constituição de um espaço interno capaz de sustentar simbolizações mais profundas, o sofrimento deixa de ser elaborado simbolicamente e passa a ser anestesiado através da hiperconectividade compulsiva, bem como o sujeito não entra em contato com a própria angústia, ele a silencia continuamente por meio da estimulação permanente das telas.

É justamente nesse ponto que a teoria de Winnicott se torna central para compreender o sofrimento silencioso contemporâneo, ele “...compreende que o amadurecimento emocional depende da possibilidade de o sujeito desenvolver um sentimento de continuidade do ser sustentado inicialmente por experiências ambientais suficientemente boas” (Winnicott, 1975, p. 95). Quando o ambiente falha de maneira significativa, o indivíduo tende a construir formas defensivas de adaptação, desenvolvendo estruturas marcadas pela dissociação e pelo falso *self*, aí então, o falso *self*, na perspectiva winnicottiana, constitui uma organização defensiva construída para proteger o núcleo mais autêntico da personalidade diante de experiências emocionais invasivas ou insuficientemente acolhedoras (Winnicott *et al.*, 1984; Winnicott, 1973).

Para Rabatini (2016) o contemporâneo, as telas passam a ocupar frequentemente uma função defensiva semelhante, isto é, o adolescente algoritmizado cria uma relação contínua com o ambiente digital como tentativa de evitar experiências de vazio, solidão e desamparo emocional. Entretanto, essa defesa produz consequências importantes sobre a constituição subjetiva. Ao permanecer constantemente capturado por estímulos externos, o sujeito perde gradualmente a capacidade de brincar, imaginar, criar e sustentar experiências internas autênticas. Winnicott (1975, p. 80) afirma que “...é no espaço potencial do brincar que o indivíduo constrói experiências fundamentais de criatividade e integração psíquica).

Dessa forma, o ‘linfocitismo digital’ pode ser interpretado como uma configuração clínica marcada pela predominância de funcionamentos defensivos dissociativos, o adolescente permanece conectado, informado e aparentemente adaptado, mas emocionalmente afastado de experiências genuínas de encontro consigo mesmo e com o outro (Zuboff, 2021; Zizek, 2008). A dissociação aparece não como ruptura psicótica evidente, mas como desligamento afetivo progressivo diante da realidade concreta, onde, o sujeito aprende a existir em estado de semipresença emocional, protegendo-se do sofrimento através da dispersão contínua da atenção (Canguilhem, 1990; Freud, 1923).

As contribuições de John Bowlby também auxiliam na compreensão desse fenômeno, ele destaca que “...a qualidade dos vínculos afetivos estabelecidos ao longo do desenvolvimento influencia diretamente a capacidade futura do sujeito de lidar com angústias, perdas e experiências emocionais complexas” (Bowlby, 1989, p. 124)

Em contextos marcados por fragilidade vincular, ausência emocional e dificuldade de sustentação afetiva, o indivíduo tende a desenvolver mecanismos defensivos de distanciamento emocional e na contemporaneidade digital, muitos adolescentes substituem progressivamente experiências relacionais profundas por vínculos mediados pelas telas, produzindo relações rápidas, fragmentadas e frequentemente incapazes de oferecer segurança emocional genuína (Antonelli, 2022; Bowlby, 1979).

Rabatini (2016) e Vygotsky (2007) enfatizam que a escola aparece, então, como um espaço paradoxal dentro desse cenário, ao mesmo tempo em que se depara com sujeitos emocionalmente dispersos e desligados, também pode tornar-se um dos poucos ambientes capazes de oferecer experiências de continuidade, reconhecimento e presença humana real, mas isso exige que a psicologia escolar ultrapasse leituras reducionistas centradas apenas em desempenho acadêmico ou comportamento disciplinar. O sofrimento silencioso do estudante algoritmizado não se manifesta necessariamente em crises visíveis, mas em apagamentos subjetivos lentos, quase imperceptíveis, que frequentemente passam despercebidos pelos discursos institucionais tradicionais (Zuboff, 2021; Patto, 1984).

Assim, do mal-estar descrito por Freud (1930) à dissociação emocional discutida por Winnicott (2008), observa-se uma transformação significativa nas formas contemporâneas de sofrimento psíquico, se anteriormente o conflito neurótico ocupava posição central na clínica, hoje emergem sujeitos marcados pelo vazio, pela fragmentação da atenção e pela dificuldade de construção de experiências subjetivas integradas.

3.2 A Crise da Atenção como Crise da Subjetivação (Olhar da Psicologia do Desenvolvimento)

Segundo Patto (1990) a crescente dificuldade de concentração observada entre adolescentes no contexto escolar contemporâneo não pode ser compreendida apenas como um problema cognitivo ou comportamental, a chamada ‘crise da atenção’ revela transformações mais

profundas relacionadas aos modos de constituição subjetiva produzidos pela cultura digital contemporânea.

Ainda Segundo Patto (1984) o enfraquecimento da capacidade de permanência psíquica diante das experiências escolares aponta para uma reorganização das formas de vínculo, simbolização e construção do pensamento. McGorry *et al.* (2024), a atenção deixa de ser entendida apenas como uma função neuropsicológica isolada e passa a ser compreendida como expressão direta da maneira pela qual o sujeito se relaciona consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Nesse pressuposto, entende-se que “...os processos psicológicos superiores, incluindo a atenção voluntária, desenvolvem-se a partir das interações sociais e da mediação cultural” (Vygotsky, 1998, p. 112). A atenção não surge espontaneamente como habilidade individual, mas é construída historicamente através das relações sociais e dos instrumentos simbólicos oferecidos pela cultura, mas, na contemporaneidade digital, os instrumentos culturais predominantes são organizados por estímulos rápidos, fragmentados e descontínuos, dificultando a consolidação de processos internos mais duradouros de concentração e elaboração simbólica (Han, 2022).

Ainda de acordo com Patto (1990) a crise da atenção representa também uma crise da mediação subjetiva, uma vez que, o adolescente hiperestimulado pelas dinâmicas algorítmicas passa a experimentar dificuldades crescentes em sustentar experiências de espera, elaboração e continuidade emocional. Figueiredo (2018) enfatiza que a atenção deixa de operar como capacidade de permanência subjetiva e transforma-se em um movimento disperso de captura instantânea por estímulos externos, interferindo diretamente nos processos de aprendizagem, uma vez que aprender, exige tempo psíquico, tolerância à frustração e capacidade de simbolização.

Wallon (20077) discursa sobre compreender o desenvolvimento humano como resultado da integração entre emoção, cognição e vínculo social, afirmando que o sujeito constitui sua inteligência a partir das experiências afetivas vividas em relação ao outro. O desenvolvimento emocional não ocorre separado do desenvolvimento cognitivo, ambos se organizam simultaneamente (Winnicott, 2010).

Nesse mesmo discurso, Winnicott (1983) oferece importante contribuição ao compreender que a capacidade de atenção e criatividade depende da existência de um espaço interno suficientemente integrado, explicando que somente um sujeito emocionalmente sustentado consegue desenvolver experiências autênticas de brincar, imaginar e aprender. Quando o ambiente falha na oferta de estabilidade emocional, o indivíduo passa a organizar-se defensivamente,

reduzindo sua capacidade de presença subjetiva, ou seja, a hiperconectividade digital intensifica esse processo ao impedir momentos de silêncio, contemplação e experiência criativa espontânea, fundamentais para o amadurecimento emocional (Winnicott, 1975).

Lacan (1990) permite compreender a crise da atenção como consequência da reorganização contemporânea do desejo, o sujeito constitui-se a partir da relação com o olhar e com o desejo do outro. Na cultura digital, marcada pela lógica da visibilidade constante, o adolescente passa a organizar sua subjetividade em torno da necessidade contínua de reconhecimento e validação externa e a atenção torna-se capturada pela dinâmica da imagem, da performance e da resposta imediata, dificultando experiências internas mais profundas de elaboração simbólica (Lacan 2005; Lacan, 1953).

Ao discutir o sofrimento psíquico contemporâneo, Birman afirma que a sociedade atual produz sujeitos marcados pela dispersão, pelo vazio e pela dificuldade de construção de narrativas internas consistentes, ele destaca que “...o excesso de estímulos e a aceleração permanente fragilizam os processos de interiorização subjetiva, comprometendo a capacidade do sujeito de sustentar experiências emocionais mais profundas” (Birman, 2006, p. 57).

Patto (1984) critica a tendência histórica das instituições educacionais de transformar dificuldades produzidas socialmente em problemas exclusivamente individuais do aluno, em uma de suas reflexões, a autora afirma:

“A escola frequentemente transforma desigualdades sociais e culturais em incapacidades individuais, produzindo discursos que culpabilizam o aluno por dificuldades cuja origem ultrapassa o sujeito e se encontra nas próprias condições institucionais e históricas da educação.” (Patto, 1990, p. 72).

Torna-se especialmente relevante diante da crise contemporânea compreender o adolescente algoritmizado apenas como ‘desinteressado’ ou ‘disperso’ significa ignorar os atravessamentos culturais e subjetivos que reorganizam profundamente os modos de funcionamento psíquico das novas gerações (Patto, 1984). Silva (2024) complementa ao explicar que o sofrimento relacionado à hiperestimulação digital não pode ser reduzido a uma falha individual de autocontrole ou disciplina; ele expressa transformações mais amplas nas formas de subjetivação produzidas pela cultura contemporânea.

Macêdo (2024) traz à tona também, que a crise da atenção observada no ambiente escolar revela, na realidade, uma crise mais profunda da própria experiência subjetiva, onde a dificuldade de concentração dos adolescentes contemporâneos não diz respeito apenas ao excesso de telas,

mas à fragilização das capacidades de simbolização, permanência emocional e construção interna do pensamento.

A escola, diante desse cenário, é convocada a ultrapassar práticas exclusivamente disciplinadoras e assumir também a função de espaço de sustentação subjetiva, oferecendo experiências relacionais capazes de restaurar a possibilidade de presença, vínculo e elaboração emocional em meio à fragmentação produzida pela cultura digital contemporânea (Patto, 1990).

3.3 O Desafio Metodológico do Psicólogo: A Escuta do "Não-Dito" e do Corpo Ausente

O sofrimento psíquico contemporâneo no ambiente escolar apresenta desafios clínicos e metodológicos cada vez mais complexos para a atuação do psicólogo escolar, diferentemente das manifestações clássicas de sofrimento marcadas por conflitos explícitos, agressividade ou rupturas comportamentais evidentes, muitos adolescentes contemporâneos expressam sua dor através do silêncio, da apatia e do desligamento emocional (Franco, 2025; Almeida, 2018). Menezes e Amorim (2021), enfatizam que disto, emerge a necessidade de uma escuta psicológica capaz de reconhecer aquilo que não é verbalizado, percebendo os sinais sutis de sofrimento inscritos no corpo, na ausência afetiva e na dificuldade de presença subjetiva.

As formulações de Freud (1923) já indicavam que o sofrimento psíquico nem sempre se manifesta de maneira direta ou consciente. Freud (2011, p. 94) fala que “...os sintomas constituem formas indiretas de expressão do conflito psíquico, revelando conteúdos que não conseguem ser simbolizados de maneira consciente pelo sujeito”.

Porém, na contemporaneidade digital, o sofrimento frequentemente não se organiza nem mesmo através do sintoma clássico neurótico, mas através do vazio, da dispersão e da dessensibilização emocional, o conflito deixa de aparecer como excesso de expressão e passa a manifestar-se como apagamento subjetivo (Freud, 1930; Freud, 1905).

Lacan (1957) afirma que o sujeito é estruturado pela linguagem, mas também marcado por aquilo que escapa à simbolização. Compreende-se que existe sempre um resto não simbolizável no sujeito, algo que se manifesta para além do discurso consciente, pois o adolescente contemporâneo muitas vezes não consegue nomear sua angústia porque ela se encontra diluída em experiências fragmentadas de hiperestimulação, isolamento e excesso de imagens, assim, o sofrimento não aparece necessariamente na fala, mas no esvaziamento do olhar, na ausência de investimento afetivo e na dificuldade de construção de laços simbólicos consistentes (Bragança;

Cezne, 2016; Lacan, 1958).

O adolescente hiperconectado frequentemente constrói formas adaptativas de funcionamento emocional baseadas na hiperestimulação contínua e na evitação do contato consigo mesmo, com a presença constante das telas impede momentos fundamentais de solidão criativa e elaboração subjetiva, produzindo sujeitos incapazes de sustentar experiências emocionais profundas (Vilalta, 2025). Winnicott ainda afirma que “...uma das experiências mais graves do sofrimento psíquico ocorre quando o sujeito perde a sensação de continuidade do ser, passando a existir de maneira defensiva e artificial” (Winnicott, 1975, p. 103).

Nesse sentido, o chamado ‘corpo ausente’ não se refere à ausência física, mas à fragilidade da presença subjetiva no espaço escolar, o aluno encontra-se corporalmente presente na sala de aula, porém emocionalmente dissociado da experiência educativa, o desafio metodológico do psicólogo escolar consiste justamente em desenvolver uma escuta capaz de perceber aquilo que se apresenta para além da fala explícita (Castro, 2024; Patto, 1984).

Segundo Han (2022) traz uma importante contribuição de como a sociedade contemporânea produz sujeitos emocionalmente fatigados e incapazes de sustentar experiências profundas de alteridade e contemplação, afirmando que o excesso de estímulos, informações e positividade gera um colapso da atenção e da capacidade de experiência.

Nesse mesmo viés Zizek (2003) analisa como o capitalismo contemporâneo captura o desejo humano através do entretenimento permanente e da hiperestimulação contínua, para ele a lógica contemporânea impede o sujeito de confrontar o vazio estrutural da existência, oferecendo distrações incessantes que anestesiam o mal-estar. Isto é, o adolescente algoritmizado permanece constantemente conectado não apenas por entretenimento, mas como tentativa de evitar experiências emocionais difíceis de elaborar, a tela torna-se um mecanismo de defesa contra o silêncio, a angústia e o contato consigo mesmo (Zuboff, 2021).

A sociedade atual produz formas de sofrimento marcadas pela perda de reconhecimento simbólico, pelo isolamento subjetivo e pela fragilidade dos vínculos sociais, muitos adolescentes não conseguem transformar seu sofrimento em narrativa psíquica organizada, em vez disso, vivenciam estados difusos de vazio, apatia e desconexão emocional, o sofrimento deixa de ser dramatizado e passa a operar silenciosamente como esvaziamento da experiência subjetiva (Almeida, 2018; Dunker, 2011; Dunker, 2002).

Para Fisher (2023) discute como o capitalismo contemporâneo produz subjetividades

marcadas pela sensação de exaustão permanente e incapacidade de imaginar alternativas existenciais, enfatizando que muitos jovens passam a experimentar sofrimento psíquico não como conflito singular, mas como condição naturalizada da existência contemporânea ou seja, a dessensibilização emocional torna-se parte do cotidiano, dificultando o reconhecimento do próprio sofrimento.

O estado de dispersão contínua, hiperconectividade e esvaziamento afetivo vivido por muitos adolescentes passou gradualmente a ser interpretado como comportamento normal da juventude contemporânea, invisibilizando formas importantes de sofrimento emocional (Macêdo, 2024). Disto, isto, o adoecimento psíquico, vai além dos conceitos de normalidade e patologia, são historicamente construídos, variando conforme os contextos culturais e sociais (Canguilhem, 2009, p. 121).

Após a pandemia de COVID-19, tais questões tornaram-se ainda mais intensas, Fundação Oswaldo Cruz, no documento Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia e Pós-Pandemia (2022), destacou o crescimento significativo de quadros de ansiedade, depressão, isolamento social e sofrimento emocional entre adolescentes e jovens, o relatório também aponta que o aumento do tempo de exposição às telas e a fragilização dos vínculos presenciais produziram impactos importantes sobre os processos de socialização, aprendizagem e saúde mental e a escola passou a receber sujeitos emocionalmente mais fragilizados, dispersos e marcados pela dificuldade de reconstrução de experiências coletivas de pertencimento.

Entende-se então que, a atuação do psicólogo escolar exige uma postura ética e clínica que ultrapasse práticas centradas exclusivamente na correção de comportamentos ou adaptação institucional, ou seja, escutar o ‘não-dito’ significa reconhecer que o sofrimento contemporâneo muitas vezes se manifesta através da ausência de palavras, da dificuldade de simbolização e do esvaziamento afetivo, o psicólogo escolar precisa sustentar espaços de presença, vínculo e escuta capazes de devolver ao adolescente a possibilidade de existir subjetivamente para além da lógica fragmentadora da hiperconectividade digital (Patto, 1990; Wallon, 2007).

Assim, a psicologia escolar contemporânea não consiste apenas em interpretar sintomas evidentes, mas em reconhecer formas silenciosas de sofrimento que se escondem sob a aparência da normalidade e da adaptação, isto é, a solidão subjetiva e da dificuldade crescente de construção de experiências humanas verdadeiramente significativas (Silva, 2024; Almeida, 2018).

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 A hiperestimulação digital e os impactos sobre a subjetividade adolescente

Os resultados analisados ao longo desta pesquisa demonstram que os algoritmos das plataformas digitais não atuam apenas como instrumentos tecnológicos de entretenimento, mas como dispositivos capazes de reorganizar os modos de subjetivação dos adolescentes contemporâneos, paralelo a hiperestimulação produzida pelas redes sociais, vídeos curtos e sistemas de recomendação interfere diretamente nos processos de atenção, simbolização e elaboração emocional dos estudantes (Antonelli, 2022; Dunker, 2011; Birman, 2006).

Observou-se que a lógica algorítmica favorece experiências rápidas, fragmentadas e imediatistas, dificultando a construção de permanência psíquica diante das atividades escolares e das relações interpessoais, uma vez que, a atenção passa a operar de maneira dispersa, constantemente capturada por estímulos externos, comprometendo experiências fundamentais de concentração, imaginação e pensamento reflexivo (Fisher, 2023; Patto, 1984).

Nesse contexto, a subjetividade adolescente passa a ser atravessada por uma dinâmica de aceleração permanente, na qual o silêncio, a espera e o tédio deixam de ser suportáveis, as contribuições de Winnicott (1975) permitiram compreender que o excesso de estímulos digitais fragiliza o espaço potencial necessário para experiências criativas e para a construção do verdadeiro *self*.

O adolescente hiperconectado tende a desenvolver relações defensivas com o ambiente digital, utilizando as telas como forma de preenchimento emocional contínuo, assim, a crise contemporânea da atenção revela também uma crise da subjetivação, marcada pelo empobrecimento da vida simbólica e pela dificuldade de construção de experiências emocionais profundas (Silva, 2024; Wallon, 2007; Winnicott, 1983).

4.2 O sofrimento silencioso e a configuração do “linfocitismo digital”

Outro aspecto identificado refere-se à invisibilidade do sofrimento psíquico produzido pela cultura digital contemporânea, em contraponto as manifestações clássicas de sofrimento escolar associadas à agressividade ou indisciplina, muitos adolescentes algoritmizados expressam sua dor através da apatia, do retraimento emocional e da dissociação subjetiva (Figueiredo, 2018; Canguilhem, 1990).

O chamado “linfocitismo digital” mostrou-se como uma configuração clínica marcada pela anestesia afetiva e pela ausência de investimento emocional no ambiente escolar, onde o estudante permanece presente fisicamente, mas emocionalmente desligado da experiência educativa e das

relações humanas concretas (Menezes; Amorim, 2021; Zizek, 2008).

A análise teórica baseada em Birman (2006), Dunker (2002), Lacan (1964), Freud (1930), permitiu compreender que o sofrimento contemporâneo frequentemente não se organiza através de sintomas explícitos, mas por meio do vazio subjetivo e da dificuldade de simbolização, cujo excesso de hiperconectividade funciona como mecanismo defensivo diante da angústia, impedindo o sujeito de entrar em contato com experiências emocionais mais profundas.

Tal dinâmica produz sujeitos aparentemente adaptados, mas marcados por intenso empobrecimento afetivo e fragilidade vincular, nesse sentido, o “linfocitismo digital” não pode ser reduzido a uma simples consequência do uso excessivo de telas, mas deve ser compreendido como expressão de transformações mais amplas nas formas contemporâneas de sofrimento psíquico juvenil (Han, 2022; Almeida, 2018; Bragança; Cezne, 2016).

4.3 O papel da psicologia escolar diante das novas formas de sofrimento contemporâneo

A pesquisa também evidenciou a necessidade de ressignificação da atuação do psicólogo escolar diante das novas formas de sofrimento subjetivo produzidas pela cultura digital, os modelos tradicionais centrados apenas na adaptação disciplinar e no rendimento acadêmico mostram-se insuficientes para compreender adolescentes emocionalmente dissociados e silenciosamente adoecidos (McGorry *et al.*, 2024; Freud, 1930; Freud, 1923).

O principal desafio contemporâneo da psicologia escolar consiste em desenvolver uma escuta capaz de reconhecer aquilo que não aparece de maneira explícita o sofrimento inscrito na apatia, no desligamento afetivo e na dificuldade de presença subjetiva (OMS, 2025; Zuboff, 2021).

A perspectiva winnicottiana revelou-se especialmente importante ao permitir compreender a escola como possível espaço de sustentação emocional e reconstrução de vínculos humanos, em meio à fragmentação produzida pela lógica algorítmica, a escola pode funcionar como ambiente potencial capaz de favorecer experiências de criatividade, pertencimento e reconhecimento subjetivo (Winnicott, 1984; Winnicott, 1975).

O psicólogo escolar assume então, uma função ética fundamental ao sustentar espaços de escuta, acolhimento e elaboração emocional dentro da instituição educativa, mais do que corrigir comportamentos considerados inadequados, torna-se necessário reconhecer formas silenciosas de sofrimento que frequentemente permanecem invisíveis no cotidiano escolar, assim, a atuação psicológica no contexto educacional contemporâneo exige não apenas intervenções técnicas, mas

também uma leitura crítica das transformações culturais e subjetivas produzidas pela sociedade digital (CFP, 2022; Patto, 1990).

5. CONCLUSÃO

A presente pesquisa possibilitou compreender que a algoritmização da subjetividade escolar ultrapassa a discussão sobre o uso excessivo de telas e revela transformações profundas nos modos de constituição psíquica dos adolescentes contemporâneos, visto que os algoritmos das plataformas digitais passaram a interferir diretamente na atenção, na simbolização, nos vínculos e na experiência emocional dos estudantes, produzindo formas silenciosas de sofrimento frequentemente invisibilizadas no ambiente escolar.

Viu-se que o ‘linfocitismo digital’ mostrou-se como uma expressão contemporânea de dissociação subjetiva, marcada pela anestesia afetiva, pelo retraimento emocional e pela fragilidade da presença psíquica na escola.

A partir das contribuições de Winnicott (1975), foi possível compreender que a hiperestimulação digital compromete experiências fundamentais para o amadurecimento emocional, enfraquecendo a criatividade, o brincar, a construção do verdadeiro *self* e a capacidade de permanência subjetiva, diferentemente dos sintomas clássicos externalizados, o sofrimento do adolescente algoritmizado se manifesta no silêncio, na apatia e na dificuldade de construção de vínculos humanos significativos.

Entretanto, a psicologia escolar precisa ampliar sua escuta clínica para além das demandas disciplinares e comportamentais tradicionais, o maior desafio contemporâneo não está apenas em lidar com o aluno que ‘atrapalha’, mas em reconhecer aquele que desaparece subjetivamente sem produzir conflito aparente, a escola torna-se um espaço fundamental de resistência à lógica fragmentadora da cultura digital, podendo oferecer experiências de presença, acolhimento e reconstrução subjetiva em meio ao avanço da hiperconectividade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. S. A prática da automutilação na adolescência: o olhar da psicologia escolar/educacional. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - ALAGOAS**, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 147, 2018. Disponível em: <https://periodicosgrupotiradentes.emnuvens.com.br/cdghumanas/article/view/5322>. Acesso em: 16 maio. 2026.
- ANTONELLI, C. M. **Mal-estar na adolescência contemporânea, constituição subjetiva e laço social**: diálogos entre psicanálise e educação. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2022. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/6491>. Acesso em: 13 mai. 2026.
- BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2006.
- BOWLBY, J. **Uma base segura**: Aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas. 1989.
- BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes. 1979.
- BOWLBY, J. *The influence of early environment in the development of neurosis and neurotic character*. **International Journal of Psycho-Analysis**, vol. 21, pp. 1-25. 1940. Acesso em: <https://pep-web.org/browse/document/ijp.021.0154a>. Disponível em: 10 mai. 2026.
- BRAGANÇA, A. C. B.; CEZNE, G. M. Política e psicanálise: sujeito, sintomas sociais e atravessamentos midiáticos. **Diaphora**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 37, 2016. Disponível em: <https://sprgs.org.br:443/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/133>. Acesso em: 16 maio. 2026.
- CASTRO, G. G. S. (org.). **Conexões sociotécnicas**: comunicação e subjetividades nas lógicas do consumo. São Paulo: Conex.lab ESPM, 2024.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 1ª ed.1966. Rio de Janeiro, Forense Universitária. 1990.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET DO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2023**. São Paulo: CGI.br, 2024. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/pt-br/20260317181039/tic_kids_online_2_025livro_eletronico.pdf. Acesso em: 16 mai. 2026.
- CNN BRASIL. **Uso excessivo de redes sociais agrava saúde mental de adolescentes**. São Paulo: CNN Brasil, 2 set. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br>. Acesso em: 16 mai. 2026.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) na Educação Básica**. 2. ed. Brasília: CFP, 2022. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas-na->

educacao-basica/. Acesso em: 10 mai. 2026.

DUNKER, C. I. L. **O cálculo neurótico do gozo**. São Paulo, Escuta. (2010). 2002.

DUNKER, C. I. L. *The Constitution of psychoanalytic clinic: a history of its structure and power*. London, Karnac. 2011.

FIGUEIREDO, L. Trauma e dissociação na “contemporaneidade. **Cadernos de Psicanálise | CPRJ**, v. 40, n. 39 jul/dez, p. 91-108, 28 nov. 2018. Disponível em: https://www.cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/62. Acesso em: 10 mai. 2026.

FISHER, M. **A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**. São Paulo: Todavia, 2023.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANCO, G. C. R. **Dados, correlações, perfis e modulação: as subjetividades na governamentalidade algorítmica**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Direito. Universidade Federal de Minas Gerais. 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/961e328a-ef94-4fb0-87df-8107b4c86d21>. Acesso em: 12 mai. 2026.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1972. v. 7, p.202.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. In: Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1929-1930/1974. v. 21, p.141.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, Sigmund. **O Ego do Id, autobiografia e outros textos (1923-1925)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-123.

FREUD, S. **O Eu e o Isso**. In: Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1923/1996. v. 19, p.71.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia e pós-pandemia: notas técnicas e recomendações**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomenda%C3%A7%C3%B5es-gerais.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2026.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Ligia M. Ponde Vassallo. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. 1ª ed.1978-1979. São Paulo, Martins Fontes. 2008.

GONÇALVES, J. R. Como fazer um projeto de pesquisa de um artigo de revisão de literatura. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Brasil, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 01–28, 2019. DOI: 10.5281/zenodo.4319102. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/121>. Acesso em: 17 maio. 2026.

HAN, B. C. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Tradução de Gênese Andrade. Petrópolis: Vozes, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: 2024**. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 16 mai. 2026.

LACAN, J. **O simbólico, o imaginário e o real**. In: Nomes do Pai, 1ª edição. RJ: Jorge Zahar, 1953/2005, p. 26, 27, 45, 72.

LACAN, J. **A pulsão parcial e seu circuito**. In: O seminário livro 11. Os quatroconceitos fundamentais da psicanálise, 4ª. ed. RJ: Jorge Zahar, (1990[1964]). p.170.

LACAN, J. **Tu és aquele a quem odeias**. In: O seminário livro5. *As formações do inconsciente*, 1ª. ed. RJ: Jorge Zahar, (1999[1957-1958]). p.507.

MACÊDO, M. M. V. **Facetas paradoxais do consumo**: mal-estar e felicidade. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.bdt.uerj.br:8443/handle/1/21951>. Acesso em: 23 mai. 2026.

MCGORRY, P. D, *et al.* *The Lancet Psychiatry Commission on youth mental health*. **The lancet. Psychiatry**, 11(9), 731–774. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(24\)00163-9](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(24)00163-9). 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39147461/>. Acesso em: 11 mai. 2026.

MENEZES, I. L. C.; AMORIM, J. **A emergência da subjetividade digital**: uma revisão sistemática. Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para o curso de Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde. Faculdade Pernambucana de Saúde. 2021. Disponível em: <https://tcc.fps.edu.br/handle/fpsrepo/1082>. Acesso em: 08 mai. 2026.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Saúde mental dos adolescentes**. Brasília: OPAS/OMS, 2025. Disponível em: <https://www.paho.org>. Acesso em: 16 mai. 2026.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

PATTO, M. H. S. **Psicologia e ideologia**: uma introdução crítica à psicologia escolar. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

RABATINI, V. G. **O desenvolvimento da atenção na educação do pré-escolar**: uma análise a partir da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista (Unesp). 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/bb7329d7-3584-477f-9629-7854dd53a137>.

Acesso em: 16 mai. 2026.

SILVA, R. R. D. Crítica ao processo de algoritmização curricular no Brasil do século XXI. **Educação & Sociedade**, 45, e278984. <https://doi.org/10.1590/ES.278984>. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/NskFqvjLXj5KTK7HtWyzqVL/?lang=pt>. Acesso em: 15 mai. 2026.

VYGOTSKY, L. *La imaginación y el arte en la infancia*. 8ª edição. Madrid: Ediciones Akal, 2007.

VILALTA, R. A. C. **Entre o cuidado e o risco**: análise crítica do conceito da regressão à dependência na obra de DW Winnicott. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo-USP. 2025. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-01042026-132659/en.html>. Acesso em: 15 mai. 2026.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, D.W. **Holding e interpretação**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

WINNICOTT, D.W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 2008.

WINNICOTT, C. *et al.* **Introdução**. In: Winnicott, D. *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 3-7. 1984.

WINNICOTT, D.W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D.W. **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age*. Geneva: World Health Organization, 2019. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241550536>. Acesso em: 09 mai. 2026.

ZIZEK, S. **A visão em paralaxe**. São Paulo: Boitempo editorial, 2008.

ZIZEK, S. **Bem vindos ao deserto do real**. São Paulo: Boitempo editorial, 2003.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.